



## MURIEL E A DISPUTA DE SENTIDOS: O PRÉ-CONSTRUÍDO NA OBRA DE LAERTE

Ana Magnus Bresolin<sup>1</sup>

Bruno Rosa da Rosa<sup>2</sup>

Cartunista, chargista, militante da causa LGBTQIA+, Laerte Coutinho ganhou maior destaque nos últimos anos ao questionar e problematizar, por meio de suas charges, as gaiolas e fórmulas preestabelecidas para os gêneros. Através de sua arte, Laerte nos instigou a mobilizar noções como o pré-construído de que trata a Análise de Discurso materialista postulada por Michel Pêcheux, ao entendermos que os dizeres e os saberes não podem ser ingênuos porque são atravessados pela ideologia patriarcal e capitalista dominante e pela luta de classes.

Nesse sentido, retomamos Pêcheux (1983) em Estrutura ou Acontecimento, quando, ao criticar o positivismo, traz para o campo dos estudos da linguagem o entendimento de que os conhecimentos e os saberes podem ser “efeitos de certeza”. Pêcheux vai colocar em relação aquilo que se apresenta como logicamente estabilizado e o que sofre de equívoco. Assim, em nosso trabalho, compreendemos que a língua é, a todo o momento, furada, torcida, movimentada, fazendo com que os sentidos que se colocam como evidentes deslizem para outras formações discursivas, a depender das condições de produção e dos processos que envolvem suas formulações.

Para pensar o funcionamento da ideologia dominante na charge de Laerte, trazemos para nossas discussões Louis Althusser (1970) que, ao teorizar sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) enquanto sofisticadas instituições que funcionam, simultaneamente, pela violência no domínio público e pela dispersão aparente no domínio privado, ajuda-nos a pensar sobre as disputas de sentidos.

Tomamos como materialidade de análise uma charge de Laerte Coutinho (2020), parte da série intitulada “Muriel & Estênio”, também nome da personagem que é uma mulher trans. Na charge, vemos Muriel sentada em uma mesa de bar com dois amigos. Um deles interpela Muriel dizendo que, apesar de ela se achar livre, caiu na “prisão do modelinho de mulher” e, logo em seguida, lhe desafia afirmado que ela não consegue mais entrar no banheiro masculino. Muriel dirige-se ao banheiro masculino e encontra um sujeito (Estênio). A personagem logo se posiciona afirmado poder frequentar aquele espaço e mostra que a concessão se daria por seu “crachá”, em referência ao seu pênis. Estênio, um homem trans, mostra então sua vulva. Ambos cantam e dançam de mãos dadas no banheiro, ao som de Gilberto Gil: “Eu disse: Nada

<sup>1</sup> Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na linha de pesquisa Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas; Psicanalista em formação continuada pela TOPOS Associação Clínica de Psicanálise, Psiquiatria, Tratamento, Pesquisa e Publicações; Graduada em Psicologia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

<sup>2</sup> Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na linha de pesquisa Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas; Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

de crachá, meu chapa". Após provocações, Muriel aceita o desafio proposto e acessa um espaço que, em tese, não seria destinado a ela.

#### Sequência Discursiva 1 – Muriel & Estênio - Laerte



Fonte: Blog Socializando 20, 2020

Este movimento da personagem convoca-nos a pensar o representante simbólico “banheiro masculino/feminino” em relação ao entrecruzamento na linguagem e na história. Pêcheux afirma que, ao “multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de ‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito” (PÊCHEUX, 1983, p. 44). Os sentidos que atravessam a charge partem de uma lógica preestabelecida de algo que já foi dito anteriormente sobre o que é considerado pertencente ao feminino e/ou ao masculino. Assim, a charge acaba por (d)enunciar uma lógica socialmente imposta que não dá conta da complexidade do sujeito, tal como propõe Preciado (2014, p. 01) ao falar sobre “contrassexualidade” no âmbito dos estudos sobre sexualidade e gênero. Para o autor, “a contrassexualidade é também uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade” (ibid. p. 01). A divisão dos banheiros em masculino/feminino expõe a divisão social existente, a qual parece não haver lugar para corpos que transitam entre essas dualidades e/ou que não pertencem a elas.

Diante disso, nos perguntamos: o que está em questão na subversão dos lugares que Muriel opera? Nos apoiamos em Pêcheux para pensar que “a pesquisa linguística começaria assim a se deslocar da ‘obsessão da ambiguidade (entendida como a lógica do ‘ou... ou’) para abordar o próprio da língua através do papel do equívoco, da elipse, da falta, etc” (PÊCHEUX, 1983, p. 50).

Salientamos que o trabalho de Laerte é pensado por nós como um ato de resistência, funcionando dentro da ideologia dominante e sofrendo tentativas de regulação dos Aparelhos Ideológicos do Estado: a Cultura, a Imprensa, a Religião, o Jurídico, o Político (ALTHUSSER, 1970). Na medida em que estas

instituições, em maior e menor grau, esforçam-se para manter a regularidade e coesão dos corpos, a arte de Laerte problematiza sobre corpos que resistem, não atendendo a esta regulação. Em concordância, retomamos as postulações de Preciado (2017) sobre "a construção de limites do socialmente visível e como se formulam os prazeres e as subjetividades sexuais normais e patológicas" para pensar o funcionamento dentro de espaços públicos e privados, controlados por uma série de aparatos ideológicos que vigiam os corpos e os categorizam.

No entanto, ainda que interpelado ideologicamente, controlado e disciplinizado pelos AIEs, o sujeito, por ser desejante, consegue "escapar" e elaborar novas estratégias de subjetivação, resistindo ao discurso disciplinador por meio da redefinição social e da reconceitualização de seu corpo. Esse processo todo é percebido quando Laerte contorna e dá forma com sua arte às histórias em quadrinhos, para representar Muriel como parte de sua realidade. Através de Hugo (outra personagem de Laerte que compõe seus quadrinhos) e Muriel, a artista faz ponte entre o humor crítico e a transgeneridade, contestando lugares de gênero e comportamentos (modos de ser e de estar no mundo) que são atribuídos a esses lugares, trazendo para a cena do humor e do entretenimento críticas sociais contundentes, capazes de produzir novos olhares, de estranhamento, como os olhares dos amigos de Muriel quando a veem dançando com Estênio no banheiro.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.
- COUTINHO, L. [Quadrinhos] Desfile das Tirinhas - Eleições. **Socializando 20**, 2020. Disponível em: <https://socializando20.blogspot.com/2020/11/quadrinhos-desfile-das-tirinhas-eleicoes.html>. Acesso em: 20 maio 2021.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, [1983a] 2015.
- PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 Edições, 2014.
- PRECIADO, P. B. Museu, lixo urbano e pornografia. **Revista de Estudos Indisciplinares em Gêneros e Sexualidades**, [s. l.], v. 1, n. 8, p. 1-12, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23686/15518>. Acesso em: 12 jun. 2021.